

VERA GERTEL

1

As atrocidades nazistas transformaram-se num mito americano que serve aos interesses da elite judaica. O holocausto é uma indústria que exhibe como vítimas o grupo étnico mais bem sucedido dos Estados Unidos e apresenta como indefeso um país como Israel, uma das mais formidáveis potências militares do mundo, que oprime os não judeus em seu território e em sua área de influência. O número de sobreviventes dos campos de concentração é exagerado para chantagear bancos suíços, indústrias alemãs e países do Leste Europeu em busca de indenizações financeiras. A luta feroz por indenizações tem como efeito colateral insuflar o anti-semitismo na Europa. Israelenses e judeus americanos são hoje as grandes forças de opressão, perseguindo palestinos e negros americanos.

Afirmações como estas deflagraram uma grande polêmica nos últimos meses de 2000 na Europa e nos Estados Unidos, provocando reações indignadas de historiadores e lideranças judaicas. Um dos principais motivos para a indignação é que o autor dessas declarações não era um líder de grupo neonazista ou um radical islâmico, e sim um professor judeu da Universidade de Nova York. Mais: filho de judeus egressos do Gueto de Varsóvia e sobreviventes dos campos de concentração de Maidanek e Auschwitz.

Em *A Indústria do Holocausto*, Norman Finkelstein mostra que o extermínio de judeus durante a Segunda Guerra foi transformado em

“uma representação ideológica que defende interesses de classe e sustenta políticas”. Finkelstein, de 47 anos, recorda sua infância, durante a qual não se discutia o holocausto, para mostrar que o interesse pelo assunto coincidiu com a Guerra dos Seis Dias, quando os Estados Unidos perceberam que seria interessante ter um parceiro forte no Oriente Médio. E, para os grupos judaicos americanos e a direita então no poder em Israel, a melhor forma de angariar simpatia era vender a idéia de que a hostilidade árabe poderia levar a uma reedição da Solução Final.

É quando, segundo Finkelstein, nasce a indústria do holocausto e ganham destaque personagens como Elie Wiesel e Simon Wiesenthal

AGRADECIMENTOS

Colin Robinson, da editora Verso, concebeu a idéia deste livro. Roane Carey moldou minhas reflexões numa narrativa coerente. Noam Chomsky e Shifra Stern deram assistência em todos os estágios de produção do livro. Jennifer Loewenstein e Eva Schweitzer discutiram vários rascunhos. Rudolph Baldeo deu apoio pessoal e estímulo. Sou grato a todos. Tentei, nestas páginas, retratar o legado de meus pais.

Por conseqüência, este livro é dedicado aos meus dois irmãos, Richard e Henry, e ao meu sobrinho, David.

6

INTRODUÇÃO

7

Este livro faz uma anatomia e uma acusação da indústria do Holocausto. Nas páginas que se seguem, afirmo que “O Holocausto” é uma representação ideológica do holocausto nazista. **1** Como a maioria das ideologias, ele tem conexão, embora tênue, com a realidade. **O**

Holocausto não é uma arbitrariedade, mas uma construção internamente coerente. Seus dogmas centrais sustentam interesses políticos e de classes. Na verdade, O Holocausto provou ser uma indispensável bomba ideológica. Em seus desdobramentos, um dos maiores poderes militares do mundo, com uma horrenda reputação em direitos humanos, projetou-se como um Estado “vítima”, da mesma forma que o mais bem-sucedido agrupamento étnico dos Estados Unidos adquiriu o status de vítima. Dividendos consideráveis resultaram dessa falsa vitimização — em particular, imunidade à crítica, embora justificada. Os que usufruem dessa imunidade, eu poderia acrescentar, não escaparam à típica corrupção moral que faz parte dela. Desta perspectiva, o desempenho de Elie Wiesel como intérprete oficial do Holocausto não é circunstancial. É certo que ele não alcançou esta posição em função de seus compromissos humanitários ou talentos literários. **2** Antes, Wiesel representa este papel de liderança porque está inarredavelmente articulado com os dogmas do Holocausto e, por conseqüência,

apoiando os interesses ocultos.

1 Neste texto, *holocausto nazista* significa o fato histórico real, O *Holocausto*, sua representação ideológica.

2 Sobre a vergonhosa relação de apologéticas em benefício de Israel, ver Norman G.

Finkelstein e Ruth Bettina Birn, em *A Nation on Trial: The Goldhagen Thesis and Historical Truth* (Nova York: 1998). Sua relação em outras publicações não é menor. Em um novo livro de memórias, *And the Sea Is Never Full* (Nova York: 1999). Wiesel nos dá esta inacreditável explicação sobre seu silêncio a respeito do sofrimento palestino: “A despeito da pressão considerável, eu me recusei a uma posição pública em relação ao conflito árabe-israelense” (125).

Em sua última pesquisa detalhada da literatura sobre o Holocausto, o crítico literário Irving Howe desfez a vasta obra de Wiesel em um único parágrafo com um fingido elogio: “O primeiro livro de Elie Wiesel, *Night*, [foi] escrito com simplicidade e sem indulgência retórica.” “Nada mais valeu a pena ler depois de *Night*”, concordou o crítico literário Alfred Kazin. “Elie agora é” só ator Ele se definiu a mim como

‘um conferencista angustiado’.” (Irving Howe, “Writing and the Holocaust”, em *New Republic* [27 de outubro de 1986]; Alfred Kazin, *A Lifetime Burning in Every Moment* (Nova York: 1996), 179)

8

O estímulo inicial para este livro partiu do estudo fértil de Peter Novick, *The Holocaust in American Life*, do qual fiz a resenha para um jornal literário inglês.

3 Neste livro, o diálogo crítico que tive com Novick foi ampliado; daí, o extenso número de referências ao seu estudo. Mais uma compilação de observações provocantes do que uma crítica consistente, *The Holocaust in American Life* pertence à honrada tradição americana de denúncia. E como a maioria dos denunciadores, Novick enfoca apenas os abusos mais escandalosos.

Sarcástico e com freqüência agradável, *The Holocaust in American Life* não é uma crítica radical. As raízes do tema permanecem intocadas.

Nunca banal ou herética, a obra ateu-se aos extremos de uma controvérsia muito mais ampla. Como era de se prever, foi con-templado com inúmeros

artigos na mídia americana, embora confusos.

A categoria analítica central de Novick é a “memória”. Moda atual na torre de marfim, a “memória” é sem dúvida a concepção mais pobre, capaz de derrubar, ao longo do tempo, o ápice acadêmico.

Concordando obrigatoriamente com Maurice Halbwachs, Novick procura demonstrar como as “preocupações atuais” modelaram a

“memória do Holocausto”. Houve época em que intelectuais discordantes usavam categorias políticas robustas como “poder” e

“interesses”, de um lado, e “ideologia”, de outro. Hoje, tudo que restou foi a linguagem branda e despolitizada de “preocupações” e

“memória”. Apesar dos evidentes exemplos de Novick, a memória do Holocausto é uma construção ideológica de interesses investidos.

Embora escolhida, a memória do Holocausto, segundo Novick, é “com maior freqüência” arbitrária. Ele argumenta que a escolha foi feita não sobre “o cálculo de vantagens e desvantagens” mas, sim, “sem pesar muito (...) as conseqüências”.⁴ Os exemplos sugerem a conclusão oposta.

³Nova York: 1999. Norman Finkelstein, “*Uses of the Holocaust*”, em *London Review of Books* (6 de janeiro de 2000).

⁴ Novick, *The Holocaust*, 3-6.

9

Meu interesse original no holocausto nazista foi pessoal. Meu pai e minha mãe foram sobreviventes do Gueto de Varsóvia e dos campos de concentração nazistas. Exceto meus pais, todos os membros de ambas as famílias foram exterminados pelos nazistas. Posso dizer que minha mais remota lembrança do holocausto nazista é a de ver minha mãe, grudada na tela de televisão, assistindo ao julgamento de Adolf Eichmann (1961), ao voltar da escola. Embora eles tivessem sido libertados dos campos apenas dezesseis anos antes do julgamento, um abismo intransponível sempre separou, na minha cabeça, os pais que eu conhecia *daquilo*. Fotografias da família de minha mãe ficavam penduradas na parede do living. (Nenhuma foto da família de meu pai sobreviveu à guerra.)

Nunca estabeleci uma conexão com aqueles parentes, deixaram-me descobrir sozinho o que aconteceu. Eles eram as irmãs, o irmão e os pais de minha mãe, não minhas tias, meus tios ou avós. Lembro-me de ter lido na infância *O muro*, de John Hersey, e *Mila 18*, de Leon Uris, ambos relatos romanceados do Gueto de Varsóvia.

(Não esqueço minha mãe se queixando de que, mergulhada na leitura de *O muro*, esqueceu de descer na estação do metrô a caminho do trabalho.) Apesar de muito tentar, sequer por um momento consegui transpor na imaginação a ponte que ligava meus pais, em todo seu cotidiano, àquele passado. Francamente, ainda não consigo.

A questão mais importante, no entanto, é esta. Fora este fantasma, não me lembro de o holocausto nazista alguma vez ter feito parte de minha infância. A razão principal era que ninguém além da família parecia se interessar pelo que aconteceu. Meu círculo de amigos de infância lia muito e debatia com paixão os acontecimentos do dia. Mas, honestamente, não me recordo de algum amigo (ou pai de amigo) ter feito uma única pergunta sobre o que meus pais sofreram. Não era um silêncio respeitoso. Era apenas indiferença.

Deste ponto de vista, só se pode duvidar da explosão de angústias nas últimas décadas, depois que a indústria do Holocausto foi pesadamente estabelecida.

10

Às vezes penso que a “descoberta” do holocausto nazista pela colônia judaica americana foi pior que seu esquecimento. Claro, meus pais pensaram privadamente; o sofrimento pelo qual passaram não foi validado em público. Mas não era melhor do que a atual e grosseira exploração do martírio judeu? Antes que o holocausto nazista se tornasse O Holocausto, apenas alguns estudos universitários, como o de Raul Hilberg, *The Destruction of the European Jews*, e memórias como as de Viktor Frankl, *Man’s Search for Meaning*, e Ella Lingens-Reiner, *Prisoners of Fear*, foram publicados sobre o assunto. ⁵ Mas esta pequena coleção de jóias é melhor do que a infinidade de prateleiras de sensacionalismo que hoje ocupam bibliotecas e livrarias.

Meu pai e minha mãe, embora rememorando diariamente aquele passado até o dia da morte, no final de suas vidas perderam o interesse pelo Holocausto como espetáculo público. **Um dos mais antigos amigos de meu pai, companheiro de Auschwitz, era um suposto idealista de esquerda incorruptível que, por**

princípios, recusou uma compensação alemã após a guerra. Por acaso, veio a se tornar diretor do Museu do Holocausto de Israel, Yad Vashem. Com muita relutância e evidente desapontamento, meu pai teve de admitir que mesmo este homem havia sido corrompido pela indústria do Holocausto, desvirtuando suas crenças em favor do poder e do lucro.

Como a interpretação do Holocausto assumiu formas cada vez mais absurdas, minha mãe gostava de citar Henry Ford (com uma ironia intencional): “História é bobagem.” As narrativas de “sobreviventes do Holocausto” — todos internos de campos de concentração, todos heróis da resistência — serviram de fonte para um humor negro especial em minha casa. Há muito tempo, John Stuart Mill reconheceu que as verdades, quando não submetidas a permanentes questionamentos, podem às vezes “perder o efeito da verdade pelo exagero da falsidade”.

5Raul Hilberg, *The Destruction of the European Jews* (Nova York: 1961), Viktor Frankl, *Man’s Search for Meaning* (Nova York: 1959), Ella Lingens-Reiner, *Prisoners of Fear* (Londres: 1948)

11

Meus pais muitas vezes se perguntaram por que eu teria crescido tão indignado com a falsificação e exploração do genocídio nazista. A resposta mais óbvia é que ele tem sido usado para justificar políticas criminosas do Estado de Israel e o apoio americano a tais políticas. Há também um motivo pessoal. Eu me importo com a memória da perseguição de minha família. A campanha atual da indústria do Holocausto para extorquir dinheiro da Europa, em nome das

“necessitadas vítimas do Holocausto”, rebaixou a estatura moral de seu martírio para o de um cassino de Monte Carlo. Além dessas preocupações, no entanto, estou convencido de que é importante preservar — lutar — pela integridade do registro histórico. Nas últimas páginas deste livro sugiro que, ao estudar o holocausto nazista, podemos aprender muito não só sobre “os alemães” ou os “gentios”, mas também sobre todos nós. Acredito que ao fazer isso, ao aprender realmente sobre o holocausto nazista, sua dimensão física será reduzida e sua dimensão moral expandida. Uma infinidade de recursos públicos e privados tem sido investida para manter a memória do genocídio nazista. A maioria do que foi produzido não presta, não passa de um tributo ao engrandecimento judeu e não ao seu sofrimento. Muito tempo já se passou para que possamos abrir nossos

HOLOCAUSTO

13

Numa memorável troca de idéias alguns anos atrás, Gore Vidal acusou Norman Podhoretz, então editor da publicação *Commentary*, do comitê Judaico Americano, de ser antiamericano. ¹ A prova era que Podhoretz atribuía menos importância à Guerra Civil — “o único grande acontecimento trágico que continua a ter ressonância em nossa república” — do que ao tema judaico. Entretanto, Podhoretz talvez fosse mais americano do que seu acusador. Na época, era a “Guerra Contra os Judeus”, não a “Guerra Entre os Estados”, que figurava como mais importante para a vida cultural americana. A maioria dos professores universitários pode testemunhar que, em relação à Guerra Civil, um maior número de estudantes é capaz de localizar o holocausto nazista no século correto e em geral citar o número de mortos. Na verdade, o holocausto nazista é justamente a única referência histórica que tem ressonância hoje numa sala de aula universitária. **Pesquisas mostram que um número maior de americanos é mais capaz de identificar O**

Holocausto do que Pearl Harbor ou a bomba atômica sobre o Japão.

Até muito recentemente, no entanto, o holocausto nazista mal figurava na vida americana. Entre o fim da Segunda Guerra Mundial e os últimos anos da década de 60, apenas uns poucos livros e filmes mencionavam o assunto. Apenas um curso universitário nos Estados Unidos estudava o assunto. ² Quando Hannah Arendt publicou *Eichmann in Jerusalem*, em 1963, ela só pôde contar com dois estudos acadêmicos em língua inglesa — o de Gerald Reitlinger, *The Final Solution*, e o de Raul Hilberg, *The Destruction of the European Jews*. ³ A própria obra-prima de Hilberg era uma tentativa de ver a luz do dia.

¹Gore Vidal “*The Empire Lovers Strike Back*”, em *Nation* (22 de março de 1986).

²Rochelle G. Saidel, *Never Too Late to Remember* (Nova York: 1996), 32.

³Hannah Arendt, *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil*,

edição revisada e ampliada (Nova York: 1965), 282. A situação não era muito diferente na Alemanha.

Por exemplo, a biografia de Hitler, feita por Joachim Fest, publicada na Alemanha em 1973 e merecidamente elogiada, dedica apenas quatro das 750 páginas ao extermínio dos judeus e um mero parágrafo a Auschwitz e outros campos da morte (Joachim C.

Fest, *Hitler* [Chicago: 1975]. 679-82).

14

O orientador de sua tese na Universidade de Colúmbia, o teórico social e judeu alemão Franz Neumann, desencorajou-o firmemente de escrever sobre o ponto principal (“It’s your funeral”, É seu funeral), pois nenhuma universidade ou editora importante publicaria o manuscrito completo. Quando finalmente foi publicado, *The Destruction of the European Jews* recebeu somente umas poucas resenhas, na maioria críticas. ⁴

Não só os americanos em geral, mas também os judeus americanos, incluindo os intelectuais judeus, deram pouca importância ao holocausto nazista. Numa avaliação oficial de 1957, o sociólogo Nathan Glazer informou que a Solução Final nazista (assim como Israel) “foi menosprezada no interior da colônia judaica americana”. Em um simpósio de *Commentary* sobre “Judaísmo e os jovens intelectuais”, de 1961, apenas dois dos trinta e um participantes destacaram seu impacto. Da mesma forma, uma mesa-redonda organizada pelo jornal *Judaism*, em 1961, com a participação de vinte e um judeus americanos sobre “Minha confirmação judaica”, praticamente ignorou o tema. ⁵ Nenhum monumento ou homenagem marcou o holocausto nazista nos Estados Unidos. Pelo contrário, a maior parte das organizações judaicas se opôs a tais comemorações. A pergunta é: Por quê?

A explicação comum é que os judeus ficaram traumatizados com o holocausto nazista e, portanto, reprimiram sua memória. Na verdade, nada comprova tal conclusão. Alguns sobreviventes, sem dúvida, preferiram, por essa razão, deixar de falar sobre o que aconteceu não só na época como nos últimos anos.

⁴Raul Hilberg, *The Politics of Memory* (Chicago: 1996), 66, 105-37. Como conhecimento, a qualidade de alguns filmes sobre o holocausto nazista foi muito mais impressionante.

Stanley Kramer, curiosamente, em *Julgamento em Nuremberg* (1961), faz uma referência explícita à decisão do juiz da Suprema Corte Oliver Wendell Holmes, em 1927, sancionando a esterilização dos “mentalmente incapazes”, como precursora dos programas nazistas de eugenia; os elogios de Winston Churchill a Hitler em 1938; as armas vendidas a Hitler pelos gananciosos industriais americanos; e a oportunista absolvição pós-guerra de industriais alemães pelo tribunal militar americano.

5Nathan Glazer, *American Judaism* (Chicago: 1957), 114. Stephen J. Whitfield, “The Holocaust and the American Jewish Intellectual”, em *Judaism* (outono de 1979).

15

Muitos outros, no entanto, preferiam falar exaustivamente e, quando tinham chance, não paravam. 6 O problema é que os americanos não queriam ouvir.

A razão verdadeira para o silêncio público sobre o extermínio nazista era a política conformista da liderança judaica americana e o clima político do pós-guerra na América. Tanto nos assuntos internos quanto nos externos, as elites judaicas americanas fecharam com a política oficial dos EUA. 7 Com isso, facilitaram os objetivos tradicionais de assimilação e o acesso ao poder. No início da Guerra Fria, as organizações judaicas proeminentes aderiram à luta. Elas

“esqueceram” o holocausto nazista porque a Alemanha — Alemanha Ocidental, em 1949 — tornou-se um aliado crucial do pós-guerra americano no confronto dos EUA com a União Soviética. Vasculhar o passado não seria útil; na verdade, era um complicador.

Com algumas reservas (logo descartadas), as grandes organizações judaicas americanas logo se alinharam com os EUA, apoiando o rearmamento de uma Alemanha mal desnazificada. O

American Jewish Committee (AJC) (Comitê Judaico Americano), temeroso de que “alguma oposição organizada de judeus americanos, contra a nova política externa e a aproximação estratégica, pudesse isolá-los aos olhos da maioria não-judaica e pôr em risco suas conquistas do pós-guerra no cenário nacional”, foi o primeiro a pregar as virtudes do realinhamento. O World Jewish Congress (WJC) (Congresso Judaico Mundial), pró-sionista, e seus afiliados americanos

derrubaram a oposição, depois de assinar acordos de compensação com a Alemanha no início dos anos 50, ao mesmo tempo que a Anti-Defamation League (ADL) (Liga Antidifamação) foi a primeira grande organização judaica a enviar uma delegação oficial à Alemanha, em 1954.

6Para um comentário sensível sobre esses dois tipos contrastantes de sobreviventes, ver Primo Levi, *The Reawakening*, com um novo acréscimo (Nova York: 1986), 207.

7Neste texto, as palavras *elites judaicas* designam os indivíduos que se destacam na organização e vida cultural das comunidades judaicas proeminentes.

16

Juntas, essas organizações colaboraram com o governo de Bonn para conter a “onda antigermânica” do sentimento popular judeu. 8

A Solução Final foi um tema tabu das elites judaicas americanas também por outra razão. Os judeus de esquerda, que se opunham ao alinhamento da Guerra Fria com a Alemanha contra a União Soviética, não iriam interromper as alusões a ela. Lembrar o holocausto nazista foi etiquetado como causa comunista. Presas ao estereótipo que confundia judeus com a esquerda — de fato, os judeus constituíam um terço da votação do candidato presidencial progressista Henry Wallace, em 1948 —, as elites judaicas americanas não hesitaram em sacrificar seus irmãos judeus ao altar do anticomunismo. Oferecendo suas listas de supostos judeus subversivos às agências governamentais, o AJC e a ADL endossaram a pena de morte para os Rosenberg, enquanto sua publicação mensal, *Commentary*, lançava editorial afirmando que eles não eram judeus verdadeiros.

Temendo ser associadas à esquerda fora e dentro do país, as grandes organizações judaicas se opuseram a cooperar com os alemães social-democratas antinazistas, assim como ao boicote dos produtos alemães e as manifestações públicas contra ex-nazistas fazendo turismo pelos Estados Unidos. Em compensação, a visita de dissidentes alemães conhecidos, como o pastor protestante Martin Niemöller, que esteve preso oito anos em campos de concentração nazistas e era contra a cruzada anticomunista, sofreu censura dos líderes judeus americanos.

8Shlomo Shafir, *Ambiguous Relations: The American Jewish Community and*

Germany Since 1945 (Detroit: 1999), 88, 98, 100-1, 111, 113, 114, 177, 192, 215, 231, 251.

17

Ansiosos por propalar suas credenciais anticomunistas, as elites judaicas chegaram a defender, e apoiar financeiramente, organizações de extrema-direita como a All-American Conference to Combat Communism (Conferência Americana de Combate ao Comunismo) e fizeram vista grossa à entrada de veteranos da SS nazista no país. **9**

Sempre ansiosa por se incorporar às regras das elites americanas e se dissociar dos judeus de esquerda, a organizada colônia judaica americana invocou o holocausto nazista em um único contexto: para denunciar a URSS. “A política soviética [anti-judaica] abriu oportunidades que não podem ser negligenciadas”, dizia alegremente um memorando do AJC citado por Novick, “para reforçar certos aspectos do programa de política interna do AJC.” Tipicamente, isso significava colocar no mesmo plano a Solução Final nazista e o antisemitismo russo. “Stalin terá sucesso onde Hitler falhou”, previa terrivelmente o *Commentary*. “Ele irá finalmente eliminar os judeus da Europa Central e do Leste. (...) O paralelo com a política nazista de extermínio está quase completo.” As grandes organizações judaicas americanas chegaram a denunciar a invasão da Hungria em 1956, pelos soviéticos, como “apenas um primeiro estágio no caminho do Auschwitz russo”. **10**

9Ibid., 98, 106, 123-37, 205, 215-16, 249. Robert Warshaw, “The ‘Idealism’ of Julius and Ethel Rosenberg”, em *Commentary* (novembro de 1953). Seria mera coincidência que, ao mesmo tempo, as principais organizações judaicas tenham crucificado Hannah Arendt por denunciar a colaboração das crescentes elites judaicas durante a era nazista? Ao rememorar o pérfido papel da força policial do Conselho Judaico, Yitzhak Zuckerman, um líder do Levante do Gueto de Varsóvia, observou: “Não havia um único policial ‘decente’ porque homens decentes arrancavam o uniforme e se tornavam apenas judeus” (*A Surplus of Memory* [Oxford; 1993], 244).

10Novick, *The Holocaust*, 98-100. Além da Guerra Fria, outros fatores tiveram um papel auxiliar no menosprezo do holocausto nazista pela colônia judaica

americana — por exemplo, o medo do anti-semitismo, e o otimismo pelo caráter assimilador da América na década de 1950. Novick explora estas questões nos capítulos 4-7 de *The Holocaust*.

18

Tudo mudou com a guerra árabe-israelense de junho de 1967.

Realmente, na opinião geral, foi só depois desse conflito que O

Holocausto tornou-se uma fixação na vida dos judeus americanos. 11 A explicação padrão dessa transformação é que o extremo isolamento e a vulnerabilidade de Israel, durante a guerra de junho, reavivaram as memórias do extermínio nazista. Na verdade, essa análise deturpa tanto a realidade das relações de poder na época, no Oriente Médio, quanto a natureza da evolução do relacionamento entre as elites judaicas americanas e Israel.

À medida que as principais organizações judaicas americanas menosprezavam o holocausto nazista, nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial, para se alinhar às prioridades da Guerra Fria do governo americano, sua atitude em relação a Israel marcava passo na política americana. Desde o início, as elites judaicas americanas fomentaram profundos receios sobre um país judaico. Acima de tudo, havia o medo de que ele levasse à crença da carga de “dupla lealdade”.

Enquanto a Guerra Fria se intensificava, essas preocupações iam se multiplicando. **Já antes da fundação de Israel, os líderes judeus americanos alardeavam inquietos que, com a ampliação do Leste Europeu, a liderança de esquerda se juntaria ao bloco soviético.**

Embora acabassem adotando a campanha sionista por um Estado, as organizações judaicas americanas monitoravam de perto e se adaptavam aos sinais de Washington. De fato, o apoio do AJC à fundação de Israel incluía, principalmente, o medo de que resultasse uma reação interna contra os judeus se os judeus desalojados da Europa não fossem rapidamente estabelecidos. 12

11O único que, aparentemente, nega esta conexão é Elie Wiesel, que reivindica ter sido o primeiro a falar sobre a emergência do Holocausto na vida americana (Saidel, *Never Too Late*, 33-4).

12 Menahem Kaufman, *An Ambiguous Partnership* (Jerusalém: 1991), 216, 276-7.

19

Mesmo com Israel alinhado ao Ocidente logo após sua fundação, muitos israelenses dentro e fora do governo mantiveram grandes simpatias pela União Soviética; **como previsto, os líderes judeus americanos mantiveram Israel à mão.**

De sua fundação em 1948 até a guerra de junho de 1967, Israel não figurou como foco no planejamento estratégico americano. Quando a liderança judaica palestina preparou-se para declarar o Estado, o presidente Truman foi evasivo, levando em conta vantagens internas (o voto judeu) contra o conselho do Departamento de Estado (na suposição de que um Estado judeu alienaria o mundo árabe). Para assegurar seus interesses no Oriente Médio, o governo Eisenhower apoiou tanto Israel quanto as nações árabes, contudo favorecendo os árabes.

As constantes discordâncias israelenses com os objetivos políticos dos Estados Unidos culminaram na crise de Suez de 1956, quando Israel conspirou com a Grã-Bretanha e a França para atacar o líder nacionalista do Egito, Gamal Abdel Nasser. Apesar da vitória relâmpago de Israel e da ocupação da Península do Sinai chamarem a atenção geral para seu potencial estratégico, os Estados Unidos ainda o consideraram como apenas um entre os vários patrimônios regionais. Por conseqüência, o presidente Eisenhower forçou realmente Israel a uma retirada incondicional do Sinai. Durante a crise, os líderes judeus americanos fizeram alguns breves esforços junto a Israel para alcançar as exigências americanas porque, em última análise, como lembra Arthur Hertzberg, eles “preferiam aconselhar Israel a atender

[Eisenhower], em vez de se opor aos desejos do líder dos Estados Unidos”. 13

13 Arthur Hertzberg, *Jewish Polemics* (Nova York: 1992), 33; apesar da apologética confusa, cf. Isaac Alteras, “Eisenhower, American Jewry, and Israel”, em *American Jewish Archives* (novembro de 1985), e Michael Reiner, “The Reaction of US Jewish Organizations to the Sinai Campaign and Its Aftermath”, em *Forum* (Inverno de 1980-1).

20

17 Lucy Dawidowicz e Milton Himmelfarb (orgs.), *Conferente on Jewish identity Here and Now* (American Jewish Committee: 1967).

21

Ironia total: exatamente os dois intelectuais judeus mais conhecidos que forçaram um elo com Israel, antes de junho de 1967: Hannah Arendt e Noam Chomsky. **18**

Veio então a guerra de junho. Impressionados com o aparato das forças de dominação de Israel, os Estados Unidos resolveram incorporá-

lo como um novo recurso estratégico. (Já antes da guerra de junho, os Estados Unidos tenderam cautelosamente para Israel, quando os regimes do Egito e da Síria planejaram um considerável aumento de sua independência em meados dos anos 60.) **A assistência militar e econômica começou a crescer assim que Israel transformou-se em um representante do poder dos EUA no Oriente Médio.**

Para as elites judaicas americanas, a subordinação de Israel ao poder dos EUA foi uma bênção. O sionismo nasceu da premissa de que a assimilação era um castelo no ar, porque os judeus sempre seriam vistos como estrangeiros potencialmente desleais. Para resolver este dilema, os sionistas visavam a estabelecer uma pátria para os judeus. **Na verdade, a fundação de Israel exacerbava o problema de uma diáspora para o povo judeu: trazia a carga da postura institucional de uma dupla lealdade.**

Paradoxalmente, depois de junho de 1967, Israel *facilitou* a assimilação nos Estados Unidos: os judeus agora estavam na linha de frente, defendendo a América — na realidade “a civilização ocidental” —, contra as etrógradas hordas árabes. Considerando que, antes de 1967, Israel levava a fama de dupla lealdade, agora adquiria a conotação de superlealdade. Afinal de contas, não eram os americanos, mas os israelenses que lutavam e morriam para proteger os interesses dos EUA.

18 Arendt, após emigrar da Alemanha em 1933, tornou-se ativista do movimento francês sionista; durante a Segunda Guerra Mundial, ela escreveu exaustivamente sobre o sionismo a propósito da fundação de Israel. Chomsky, filho de um notório hebreu americano, foi criado em lar sionista e, logo depois da independência de Israel, passou uma temporada em um *kibutz*. As campanhas públicas que vilipendiaram Arendt, no início dos anos 60, e Chomsky, na década

de 1970, foram encabeçadas pela ADL.

(Elisabeth Young-Bruehl, *Hannah Arendt* [New Haven: 1982], 105-8, 138-9, 143-4, 182-4, 223-33, 348; Robert F. Barsky, *Noam Chomsky* [Cambridge: 1997], 9-93; David Barsamian (org.), *Chronicles of Dissent* [Monroe, ME: 1992], 38).

22

E ao contrário dos recrutas americanos no Vietnã, os soldados israelenses não estavam sendo humilhados por pretensões de Terceiro Mundo. **19**

Por consequência, as elites americanas subitamente descobriram Israel. Depois da guerra de 1967, o ímpeto militar de Israel podia ser celebrado porque suas armas apontavam na direção certa — contra inimigos da América. Suas proezas marciais facilitaram inclusive a entrada nos santuários internos do poder americano. Antes, as elites judaicas só podiam oferecer pequenas listas de judeus subversivos; agora, podiam posar de interlocutores para os novos objetivos estratégicos da América.

Num livro de memórias publicado pouco antes da guerra de junho, Norman Podhoretz lembrou constrangido ter comparecido a um jantar oficial da Casa Branca, que “não incluía uma só pessoa, exceto ele, que não estivesse visível e absolutamente encantada por estar ali”. **20**

Embora já editor da principal publicação judaica americana, *Commentary*, a autobiografia faz apenas uma ligeira alusão a Israel. O que Israel podia oferecer aos ambiciosos judeus americanos? Em um livro de memórias posterior, Podhoretz sublinha que, após junho de 1967, Israel virou “a religião dos judeus americanos”. **21** Atualmente grande defensor de Israel, Podhoretz poderia não só comparecer com orgulho a um jantar na Casa Branca, como também ter um *tête-à-tête* com o presidente para deliberar sobre interesses nacionais.

Após a guerra de junho, as mais influentes organizações judaicas americanas trabalharam em tempo integral para firmar a aliança americana-israelense.

19 Para uma confirmação inicial de meus argumentos, ver Hannah Arendt, “Zionism Reconsidered” (1994), em *The Jew as Pariah*. de Ron Feldman (Nova York: 1978), 159.

20 *Making It* (Nova York: 1967), 336.

21 *Breaking Ranks* (Nova York: 1979), 335.

23

No caso da ADL, isso incluía uma vasta operação interna de vigilância ligada aos serviços de inteligência de Israel e da África do Sul. 22 A cobertura sobre Israel no jornal *The New York Times* aumentou consideravelmente após junho de 1967. Uma matéria sobre Israel de 1955 a 1965 preenchia na tabela do *New York Times* 152 cm de coluna.

Em 1975, as matérias passaram a preencher 660 cm de coluna.

“Quando queria me sentir melhor”, refletiu Wiesel em 1973, “eu me voltava para a cobertura sobre Israel no *New York Times*. ” 23 Tal como Podhoretz, muitos intelectuais judeus americanos influentes também descobriram de repente a “religião”, após a guerra de junho. Novick conta que Lucy Dawidowicz, a decana da literatura sobre o Holocausto, fora uma “crítica radical de Israel”. Em 1953, ela opinava que Israel não podia exigir compensações da Alemanha, enquanto fugia às responsabilidades para com os palestinos desalojados: “A moralidade não é flexível.” E, no entanto, quase imediatamente após a guerra de junho, Dawidowicz virou uma “eloqüente defensora de Israel”, aclamando-o como “o paradigma coletivo para a imagem ideal dos judeus no mundo moderno”. 24

A postura favorita pós-1967, recriada pelos sionistas, foi tacitamente para justapor seu próprio apoio apregoado por um Estado de Israel suposta mente sitiado à covardia da colônia judaica americana durante O Holocausto. Na verdade, eles faziam exatamente o que as elites judaicas americanas sempre fizeram: acertar o passo com o poder americano. As classes letradas, sobretudo, exibiam poses heróicas.

Vejamos o famoso crítico social, Irving Howe, da esquerda liberal. Em 1956, o jornal editado por Howe, *Dissent*, condenou o “ataque unido contra o Egito” como “imoral”.

22 Robert I. Friedman, “The Anti-Defamation League Is Spying on You”, em *Village Voice* (11 de maio de 1993). Abdeen Jabara, “The Anti-Defamation League: Civil Rights and Wrongs”, em *CovertAction* (Verão de 1993). Man

Isaacs, “Spy vs Spite”, no *SF Weekly* (fevereiro de 2000, 2-8).

23 Elie Wiesel, *Against Silence*, selecionado e editado por Irving Abrahamson (Nova York; 184), v. i, 283.

24 Novick, *The Holocaust*, 147. Lucy S, Dawidowicz, *The Jewish Presence* (Nova York: 1977).

24

Embora na realidade se auto-sustentasse, Israel foi então acusado de

“chauvinismo cultural”, um “quase messiânico sentido de destino manifesto”, e “uma oculta pretensão de expansionismo”. 25 Depois da guerra de outubro de 1973, quando os americanos apoiaram o apogeu de Israel, Howe publicou um manifesto pessoal “sob extrema ansiedade”

em defesa de um Israel isolado. O mundo gentio, lamentava-se numa espécie de paródia ao estilo de Woody Allen, estava impregnado de antisemitismo. Até no Upper Manhattan, reclamava, Israel “deixou de ser chique”: todos, exceto ele, eram manifestamente servos de Mao, Fanon e Guevara. 26

Como objetivo estratégico da América, Israel não ficou isento a críticas. Além da crescente censura internacional por sua recusa em negociar um acordo com os árabes, segundo resoluções das Nações Unidas, e seu truculento apoio às ambições globais americanas, 27 Israel ainda teve de lidar com as dissensões internas nos EUA. Nos círculos governamentais americanos, os chamados arabistas sustentavam que colocar todos os ovos na cesta de Israel, ignorando as elites árabes, era minar os interesses nacionais dos EUA.

Alguns argumentavam que a subordinação ao poder dos EUA e a ocupação dos Estados árabes vizinhos era em princípio não só um erro, mas também prejudicial a seus próprios interesses. Israel se tornaria cada vez mais militarizado e fora do mundo árabe. Para seus novos “defensores” judeus americanos, no entanto, essa conversa beirava a heresia: um Israel independente em paz com seus vizinhos não teria valor; um Israel alinhado a correntes do mundo árabe, em busca de uma independência dos Estados Unidos, seria um desastre.

Só seria possível um Israel espartano grato ao poder americano, pois só assim os

líderes judeus americanos poderiam agir como porta-vozes das ambições imperiais americanas.

25 “Eruption in the Middle East”, em *Dissent* (Inverno de 1957).

26 “Israel: Thinking the Unthinkable”, na revista *New York* (24 de dezembro de 1973).

27 Norman G. Finkelstein, *Image and Reality of Israel-Palestine Conflict* (Nova York: 1995), 5-6.

25

Noam Chomsky sugeriu que estes “defensores de Israel” deveriam ser chamados com mais propriedade de “defensores de uma moral degenerada e de uma definitiva destruição de Israel”. 28

Para proteger seu objetivo estratégico, as elites judaicas americanas

“relembrou” O Holocausto. 29 A defesa convencional era que assim agiam porque, na época da guerra de junho, acreditavam que Israel estava em perigo mortal e foram dominados pelo medo de um “segundo Holocausto”. Esta alegação não se sustentou.

Consideremos a primeira guerra árabe-israelense. No despertar da independência, em 1948, a ameaça contra os judeus palestinos parecia muito mais iminente. David Ben-Gurion declarou que “700.000

judeus” estavam “cercados por 27 milhões de árabes — um contra quarenta”. Os Estados Unidos apoiaram um embargo de armas das Nações Unidas na região, estabelecendo um evidente limite ao rearmamento usufruído pelos exércitos árabes. A colônia judaica americana temia uma outra Solução Final nazista. Lamentando que os países árabes estivessem então “armando o aliado de Hitler, o Mufti, enquanto os Estados Unidos forçavam seu embargo de armas”, o AJC

anteviu “um massacre e um completo holocausto na Palestina”. Até o secretário de Estado, George Marshall, e a CIA prognosticaram abertamente uma eventual derrota dos judeus no caso de uma guerra. 30 Embora, “na verdade, ganhasse o lado forte” (historiador Benny Morris), não foi uma vitória fácil para Israel. Durante os primeiros meses da guerra, no início de 1948, e principalmente com a

independência declarada em maio, as chances de sobrevivência de Israel eram consideradas “meio a meio” por Yigael Yadin, chefe das operações do Haganah.

28 Noam Chomsky, *The Fateful Triangle* (Boston: 1983), 4.

29 A carreira de Elie Wiesel disparou após ter feito a ligação entre O Holocausto e a guerra de junho. Embora já tivesse publicado suas memórias de Auschwitz, Wiesel só obteve reconhecimento público após escrever dois volumes celebrando a vitória de Israel (Wiesel, *And the Sea*, 16).

30 Kaufman, *Ambiguous Partnership*, 287, 306-7- Steven L. Spiegel, *The Other Arab-Israeli Conflict* (Chicago: 1985). 17,32.

26

Sem um acordo de armamento secreto com os tchecos, Israel provavelmente não teria sobrevivido. **31** Depois de lutar por um ano, Israel sofreu 6.000 baixas, um por cento da população. Por que, então, O Holocausto não se tornou o centro de atenção da vida judaica americana na guerra de 1948?

Israel logo se revelou estar longe de ser vulnerável em 1967, ao contrário da época de sua luta de independência. Os líderes israelenses e americanos sabiam de antemão que Israel iria facilmente prevalecer numa guerra contra os países árabes. Esta realidade tornou-se explícita quando Israel fincou raízes nos territórios árabes vizinhos em poucos dias. Como relatado por Novick, “Houve surpreendentemente poucas referências explícitas ao Holocausto na mobilização judaica americana antes da guerra em benefício de Israel”. **32** A indústria do Holocausto só se difundiu *depois* da dominação militar esmagadora e do florescente e exagerado triunfalismo entre os israelenses. **33** A rede de interpretação padrão não consegue explicar estas anomalias.

Com os chocantes reveses iniciais de Israel, as mortes durante e o crescente isolamento internacional depois, a guerra árabe-israelense de outubro de 1973 — mantendo-se os cálculos convencionais —

exacerbou o medo dos judeus americanos quanto à vulnerabilidade do Estado. Como conseqüência, a memória do Holocausto passou então a ocupar o centro do palco. Novick, como seria típico, escreve: “Entre os judeus americanos (...) a situação de vulnerabilidade e isolamento de Israel passou a ser vista como terrivelmente semelhante à dos judeus europeus trinta anos antes (...). O assunto

Holocausto não apenas

‘emergiu’ na América como se tornou cada vez mais [sic]

institucionalizado”. 34

31 Benny Morris, *1948 and After* (Oxford: 1990), 14-15. Uri Bialer. *Between East and West* (Cambridge: 1990). 180-1.

32 Novick. *The Holocaust*, 148.

33 Ver, por exemplo, Amnon Kapeliouk: *La fin des mythes* (Paris: 1975).

34 Novick, *The Holocaust*, 152.

27

Apesar de Israel ter beirado o precipício e, tanto em termos relativos como absolutos, sofrido mais baixas na guerra de 1948 do que na de 1973.

Exceto por sua aliança com os EUA, realmente, Israel ficou fora do favorecimento internacional, após a guerra de outubro de 1973.

Comparemos, no entanto, com a guerra do Suez em 1956. Israel e a organizada colônia judaica americana alegaram que, às vésperas da invasão do Sinai, o Egito ameaçava realmente a existência de Israel, e que a retirada total dos israelenses do Sinai fatalmente minaria “o interesse vital de Israel: sua sobrevivência como Estado”. 35 A comunidade internacional, apesar disso, se manteve firme. Ao escrever sobre sua brilhante performance na Assembléia Geral das Nações Unidas, Abba Eban lembrou, certamente com tristeza, que “apesar de seu discurso ter sido longa e efusivamente aplaudido» ela continuou votando contra nós por larga maioria”. 36 Os Estados Unidos entraram fortemente neste consenso. Eisenhower não apenas forçou a retirada das forças israelenses, como também todo o apoio público dos EUA a Israel caiu em “declínio assustador” (historiador Peter Grose). 37 **Em contraste, imediatamente após a guerra de 1973, os Estados Unidos deram uma maciça assistência militar a Israel, muito maior do que a combinada nos quatro anos precedentes, enquanto a opinião pública americana voltava firmemente as costas a Israel. 38 Esta foi a ocasião em que “o assunto Holocausto (...) ‘emergiu’ na América”, numa época em que Israel estava menos isolado do que tinha estado em 1956.**

que marcou a redenção. Por que O Holocausto teria de esperar uma *segunda* redenção? Novick assegura que a “imagem dos judeus como heróis militares” na guerra de junho “serviu para apagar o estereótipo de vítimas fracas e passivas que (...) inibira previamente a discussão judaica do Holocausto”. **40** Apesar da notável coragem de Israel na guerra de 1948 ter sido muito maior. E a

“bravura” e o “brilho” de Moshe Dayan, na batalha das 100 horas sobre o Sinai em 1956, prenunciar a rápida vitória de junho de 1967. Por que, então, a colônia judaica americana insiste na guerra de junho para

“apagar o estereótipo”?

39 Finkelstein, *Image and Reality*, cap, 6.

40 Novick, *The Holocaust*, 149-50. Novick cita aqui o conhecido acadêmico judeu Jacob Neusner.

29

A explicação de Novick sobre como as elites judaicas americanas usaram o holocausto nazista não convence.

Consideremos estas passagens significativas:

Como os líderes judeus americanos queriam entender as razões de isolamento e vulnerabilidade de Israel — razões que poderiam levar a uma solução —, a explicação que dispunha de maior apoio foi que o esquecimento das memórias dos crimes nazistas contra os judeus, e a chegada em cena de uma geração ignorante do Holocausto, resultou na perda de apoio que Israel possuía.

[En]quanto as organizações judaicas americanas nada podiam fazer para alterar o passado recente no Oriente Médio, e muito pouco para determinar seu futuro, elas *podiam* trabalhar para reavivar a memória do Holocausto.

Assim, a explicação do “esquecimento das lembranças”

ofereceu um programa de ação. [A ênfase é do original]. **41**

Por que a explicação de que o “esquecimento das lembranças” para as dificuldades pós-1967 de Israel, “[exige] o maior apoio”? Por certo, esta foi uma explicação improvável. Como o próprio Novick documentou fartamente, a ajuda

explicações imprevistas. Como o próprio Novick documentou cuidadosamente, a questão inicial conquistada por Israel teve pouco a ver com a

“memória dos crimes nazistas”, 42 e, de qualquer modo, estas lembranças caíram no esquecimento muito antes que Israel perdesse o apoio internacional. Por que as elites judaicas poderiam fazer “muito pouco para determinar” o futuro de Israel? Ora, elas controlavam uma formidável rede organizacional. Por que “reavivar as lembranças do Holocausto” seria o único programa de ação?

41 Ibid., 153, 155.

42 Ibid, 69-77.

30

Por que não apoiar o consenso internacional que pedia a retirada de Israel das terras ocupadas na guerra de junho, *assim como* “uma paz justa e duradoura” entre Israel e seus vizinhos árabes (Resolução 242 da ONU)?

A explicação coerente, embora menos tolerável, é que as elites judaicas americanas rememoraram o holocausto nazista antes de junho de 1967 apenas como expediente político. Israel, seu novo patrão, capitalizou o holocausto nazista durante o julgamento de Eichmann. 43 Para se mostrar útil, a organizada colônia judaica americana explorou o holocausto nazista depois da guerra de junho. Como ideologia, O

Holocausto (capitalizado como já aponte) provou ser a arma perfeita para esvaziar as críticas a Israel. Exatamente como vou ilustrar aqui. Merece ênfase, no entanto, que, para as elites judaicas americanas, O Holocausto representou o mesmo papel que Israel: outra peça sem valor no arriscado jogo de poder. A preocupação confessada pela memória do Holocausto era tão constrangedora quanto a confessada pelo destino de Israel. 44 Foi assim que a organizada colônia judaica rapidamente perdoou e esqueceu a afirmação de Ronald Reagan, em 1985, de que os soldados alemães enterrados no cemitério de Bitburg (inclusive os membros da SS Waffen) eram “tão vítimas do nazismo quanto as vítimas dos campos de concentração”. Em 1988, Reagan foi homenageado com o prêmio

“Humanista do Ano” por uma das mais famosas instituições do Holocausto, o Simon Wiesenthal Center, e, em 1994, com a “Tocha da Liberdade” pela pró-

Israel ADL. 45

43 Tom Segev, *The Seventh Millien* (Nova York: 1993), parte VI.

44 A preocupação com os sobreviventes do holocausto nazista foi igualmente constrangedora: antes de junho de 1967, foi silenciada; depois de junho de 1967, foi santificada.

45 *Response* (dezembro de 1998). Notórios negociadores do Holocausto e aliados de Israel como Abraham Foxman, diretor nacional da ADL, o ex-presidente do AJC Morris Abram e o secretário da Conference of Presidents of Major American Jewish Organization, Kenneth Bialkin para não mencionar Henry Kissinger, todos se levantaram em defesa de Reagan durante a visita de Bitburg. enquanto na mesma semana o AJC recebia como hóspede de honra para seu encontro anual o fiel ministro do Exterior do chanceler Helmut Kohl da Alemanha Ocidental, Dentro deste espírito, Michael Berenbaum, do Museu Memorial do Holocausto de Washington, referiu-se mais tarde à viagem e à declaração de Reagan em Bitburg como “o ingênuo sentimento de otimismo americano”. (Shafir, *Ambiguous Relations*, 302-4; Berenbaum, *After Tragedy*, 14.) 31

O desabafo, no início de 1979, do reverendo Jesse Jackson, de que estava “enjoado e cansado de ouvir sobre o Holocausto”, não foi, no entanto, tão prontamente perdoado e esquecido. Na verdade, os ataques das elites judaicas americanas a Jackson jamais cessaram, embora não por suas “observações anti-semitas” mas, sim, pela “adesão à causa palestina” (Seymour Martin Lipset e Earl Raab). 46 No caso de Jackson, havia um fator adicional; ele representava o eleitorado disputado pela organizada colônia judaica americana, a partir dos últimos anos da década de 1960. Também nestas disputas, O

Holocausto provou ser uma poderosa arma ideológica.

Não foi a alegada fraqueza e isolamento de Israel, nem o medo de um “segundo Holocausto”, mas antes sua comprovada força e aliança estratégica com os Estados Unidos, que conduziram as elites judaicas a produzir a indústria do Holocausto, depois de junho de 1967. Embora involuntariamente, Novick proporcionou a melhor prova para apoiar esta conclusão. A fim de mostrar que foram considerações de poder, e não a Solução Final nazista, que determinaram a política americana em relação a Israel, ele escreve:

“Foi quando o Holocausto estava mais fresco na mente dos líderes americanos — os primeiros vinte e cinco anos depois do fim da guerra

—, que os Estados Unidos *menos* apoiaram Israel. (...) Não foi quando Israel estava fraco e vulnerável, mas depois que mostrou sua força, na Guerra dos Seis Dias, que a ajuda americana a Israel mudou de um pingô para um dilúvio” (o grifo é do original). ⁴⁷ Este argumento se aplica com a mesma força às elites judaicas americanas.

⁴⁶Seymour Martin Lipset e Earl Raab, *Jews and the New American Scene* (Cambridge; 1995), 159.

⁴⁷Novick. *The Holocaust*, 166.

32

Há também fontes nacionais da indústria do Holocausto. As principais interpretações apontam para a recente emergência da

“política de identidade”, de um lado, e da “cultura de vitimização”, do outro. Em essência, cada identidade formou-se numa história particular de opressão; os judeus, em concordância, inserem sua própria identidade étnica no Holocausto.

Apesar disso, entre os grupos que denunciam sua vitimização, incluindo negros, latinos, índios americanos, mulheres, gays e lésbicas, só os judeus não estão em desvantagem na sociedade americana. De fato, a política de identidade e O Holocausto tiveram lugar entre os judeus americanos não por seu status de vítima, mas por eles *não* serem vítimas.

Assim que caíram as barreiras anti-semitas, logo após a Segunda Guerra Mundial, os judeus se destacaram nos Estados Unidos. Segundo Lipset e Raab, a renda *per capita* dos judeus é quase o dobro dos não-judeus; dezesseis dos quarenta americanos mais ricos são judeus; 40 por cento dos ganhadores americanos do prêmio Nobel de ciência e economia são judeus, assim como o são 20 por cento dos professores das maiores universidades; e 40 por cento dos sócios das grandes firmas de advocacia de Nova York e Washington. A lista continua. ⁴⁸ Longe de constituir um obstáculo, a identidade judaica tornou-se o coroamento desse sucesso.